

Nível de atividade

Tabela 1.1 – Índice de volume de vendas

Discriminação	Variação percentual			
	2013		2014	
	Out	Nov	Dez	Jan
No mês^{1/}				
Comércio varejista	0,3	0,5	-0,3	0,4
Combustíveis e lubrificantes	0,4	1,0	-1,5	1,4
Hiper, supermercados	-0,4	1,0	0,6	1,0
Tecidos, vestuário e calçados	-0,3	2,1	0,5	-0,4
Móveis e eletrodomésticos	-0,1	1,0	-2,4	1,2
Artigos farmacêuticos, médicos	0,2	1,4	-2,0	4,3
Livros, jornais, revistas e papelaria	1,5	0,5	0,8	0,6
Equipamentos e materiais para escritório	2,3	-2,0	-14,1	5,9
Outros artigos de uso pessoal	-1,6	0,9	-0,2	-0,2
Comércio ampliado	1,7	0,8	-1,8	2,1
Materiais de construção	1,0	-0,1	-0,3	0,2
Automóveis e motocicletas	7,2	1,6	-3,2	1,9
Trimestre/trimestre anterior^{1/}				
Comércio varejista	2,7	2,1	1,1	0,8
Combustíveis e lubrificantes	1,0	2,0	1,5	1,3
Hiper, supermercados	2,1	1,8	1,1	1,7
Tecidos, vestuário e calçados	1,9	1,9	1,1	2,2
Móveis e eletrodomésticos	1,9	0,8	-0,4	-0,4
Artigos farmacêuticos, médicos	3,5	3,2	1,7	2,0
Livros, jornais, revistas e papelaria	2,7	2,0	2,6	2,5
Equipamentos e materiais para escritório	9,1	5,1	-2,4	-8,6
Outros artigos de uso pessoal	5,0	5,5	2,0	1,2
Comércio ampliado	1,1	1,1	1,2	1,1
Material de construção	2,3	2,1	1,6	0,8
Automóveis e motocicletas	-2,3	-1,5	3,2	2,3
No ano				
Comércio varejista	4,0	4,3	4,3	6,1
Combustíveis e lubrificantes	6,1	6,4	6,3	7,0
Hiper, supermercados	1,4	1,9	1,9	5,6
Tecidos, vestuário e calçados	3,2	3,5	3,4	3,9
Móveis e eletrodomésticos	5,4	5,7	4,9	5,9
Artigos farmacêuticos, médicos	9,7	9,9	10,2	13,6
Livros, jornais, revistas e papelaria	2,6	2,4	2,6	4,2
Equipamentos e materiais para escritório	6,5	6,9	6,9	-4,6
Outros artigos de uso pessoal	10,6	10,2	10,3	7,6
Comércio ampliado	3,4	3,7	3,6	3,5
Materiais de construção	7,3	7,1	6,9	3,9
Automóveis e motocicletas	1,3	1,6	1,5	-1,8

Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

O PIB cresceu 0,7% no quarto trimestre de 2013, em relação ao trimestre anterior, considerando dados dessazonalizados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A expansão da atividade no período repercutiu, do lado da absorção interna, os aumentos do consumo do governo; do consumo das famílias, que se beneficia das taxas de desemprego baixas e de ganhos reais de salários; e dos investimentos; e, do lado da absorção externa, a ampliação das exportações. Prospectivamente, a robustez da demanda doméstica e o maior dinamismo esperado para a atividade global tendem a contribuir para a continuidade do atual ciclo de crescimento econômico.

1.1 Comércio

As vendas do comércio ampliado aumentaram 3,6% em 2013 (8,0% em 2012), de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE. Esse resultado, o menos expressivo desde 2006, decorreu de desacelerações das vendas de bens duráveis, semiduráveis e não duráveis. A análise por unidades da federação revela aumento nas vendas em 23 das 27 unidades pesquisadas, com destaque para Acre, 11,0%; Rio Grande do Norte, 8,8%; e Paraíba, 8,4%.

Na margem, o comércio ampliado cresceu 1,1% no trimestre encerrado em janeiro, em relação ao finalizado em outubro de 2013, quando havia registrado a mesma expansão, no mesmo tipo de comparação, dados dessazonalizados. As vendas aumentaram em oito dos dez segmentos pesquisados, especialmente em livros, jornais, revistas e papelaria, 2,5%; veículos e motos, partes e peças, 2,3% e tecidos, vestuário e calçados, 2,2%.

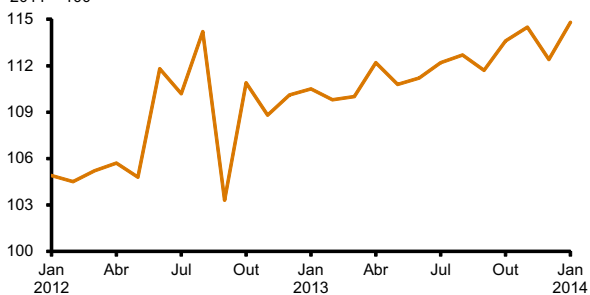
O comércio varejista¹ cresceu 4,3% em 2013 (8,4% em 2012), menor taxa desde 2003. As vendas aumentaram 0,8% no trimestre encerrado em janeiro, em relação ao finalizado em outubro, destacando-se, por regiões, as elevações no Norte, 2,8%; e no Sul, 2,5%.

1/ Conceito que exclui do comércio ampliado os segmentos veículos e motos, partes e peças, e material de construção.

Gráfico 1.1 – Índice de volume de vendas no varejo – Conceito ampliado

Dados dessazonalizados

2011 = 100

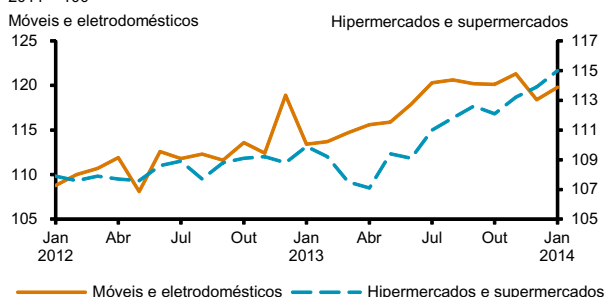


Fonte: IBGE

Gráfico 1.2 – Índice de volume de vendas no varejo – Segmentos selecionados

Dados dessazonalizados

2011 = 100

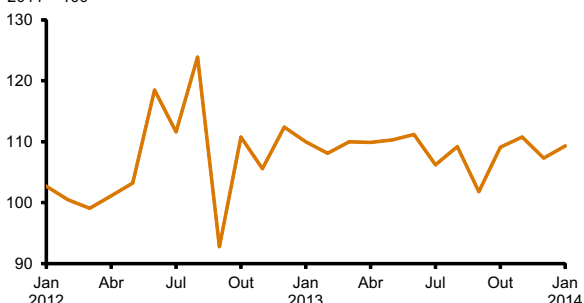


Fonte: IBGE

Gráfico 1.3 – Índice de volume de vendas no varejo – Veículos e motos, partes e peças

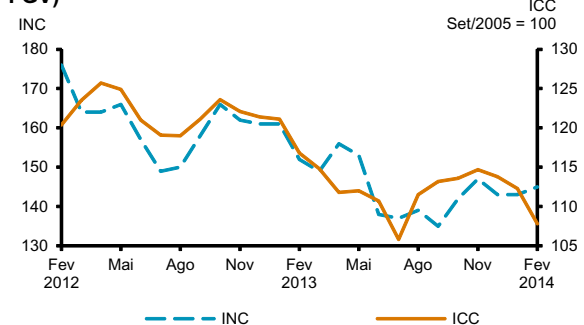
Dados dessazonalizados

2011 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 1.4 – Índice Nacional de Confiança (INC – ACSP) e Índice de Confiança do Consumidor (ICC – FGV)



Fontes: ACSP e FGV

As vendas reais do setor supermercadista, segmento com peso aproximado de 30% na PMC, mantiveram-se estáveis no trimestre finalizado em janeiro de 2014, em relação ao encerrado em outubro de 2013, segundo dados dessazonalizados da Associação Brasileira de Supermercados (Abras). As vendas de automóveis e comerciais leves, divulgadas pela Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabreve), cresceram 5,5% no trimestre encerrado em fevereiro de 2014, em relação ao terminado em novembro do ano anterior, quando haviam decrescido 2,4%.

O índice Serasa Experian de Atividade do Comércio, de abrangência nacional, construído a partir de consultas mensais realizadas pelos estabelecimentos comerciais aos cadastros da Serasa, variou 3,7% no trimestre encerrado em fevereiro de 2014, em relação ao finalizado em novembro de 2013, quando apresentara o mesmo percentual de expansão.

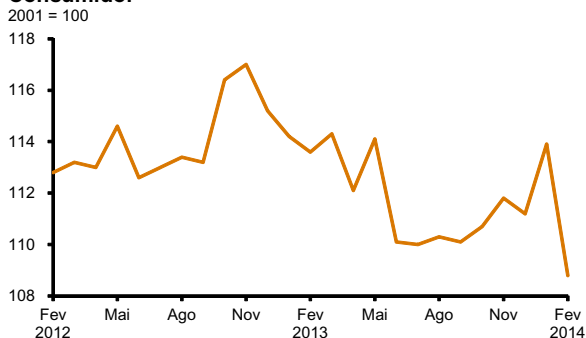
A inadimplência do consumidor atingiu 4,6% no estado de São Paulo, no trimestre encerrado em fevereiro de 2014 (5,7% em igual período de 2013), de acordo com a Associação Comercial de São Paulo (ACSP). O Indicador Serasa Experian de Inadimplência do Consumidor² recuou 4,3% no trimestre encerrado em fevereiro de 2014, em relação a igual período de 2013. Considerados dados dessazonalizados, o indicador da Serasa cresceu 0,2% em fevereiro, em relação ao mês anterior, quinto aumento consecutivo nessa base de comparação.

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da Fundação Getulio Vargas (FGV), recuou 3,2% no trimestre finalizado em fevereiro (elevação de 0,7% no trimestre encerrado em novembro), resultado de retrações de 3,8% no Índice da Situação Atual (ISA) e de 2,5% no Índice de Expectativas (IE). O ICC recuou 7,7% em relação a fevereiro de 2013, reflexo de reduções de 12,6% no ISA e de 4,7% no IE.

O Índice Nacional de Expectativa do Consumidor (Inec), divulgado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), recuou 4,5% em fevereiro (variações de 2,4% em janeiro e de -0,5% em dezembro), maior retração da série mensal iniciada em março de 2010. Destacaram-se as reduções nos componentes expectativas de inflação e desemprego. O indicador situou-se, em fevereiro, no menor patamar desde junho de 2009.

2/ Inclui os atrasos junto a financeiras, cartões de crédito, empresas não financeiras e bancos, além de títulos protestados e segunda devolução de cheques por insuficiência de fundos.

Gráfico 1.5 – Índice Nacional de Expectativa do Consumidor



Fonte: CNI

Tabela 1.2 – Produção industrial

Trimestre/trimestre anterior^{1/}

Discriminação	2013			2014
	Out	Nov	Dez	Jan
Indústria geral	0,0	0,2	-0,7	-1,6
Por seção				
Indústria extrativa	2,4	1,6	0,8	-2,2
Indústria de transformação	-0,1	0,1	-0,7	-1,5
Por categoria de uso				
Bens de capital	3,7	2,7	-2,8	-7,0
Bens intermediários	0,2	0,8	0,2	-0,7
Bens de consumo	-1,1	-1,1	-1,0	-1,1
Duráveis	-2,0	-0,9	-1,2	-1,9
Semi e não duráveis	-0,9	-1,2	-0,7	-0,8

Fonte: IBGE

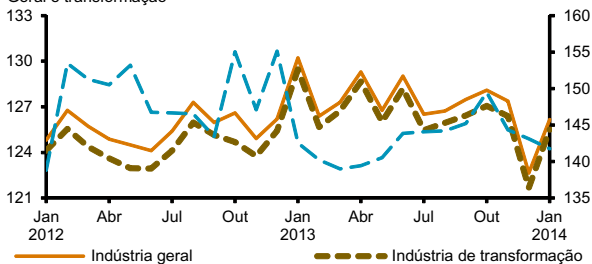
1/ Dados dessazonalizados.

Gráfico 1.6 – Produção industrial^{1/}

Indústria geral e seções

2002 = 100

Geral e transformação



Fonte: IBGE

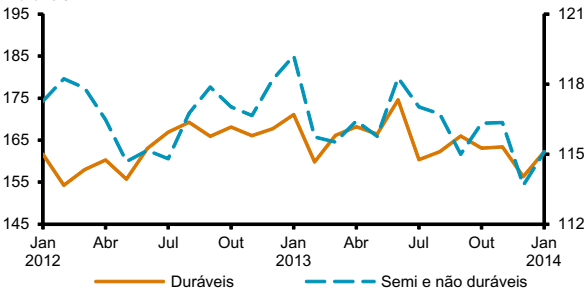
1/ Séries com ajuste sazonal.

Gráfico 1.7 – Produção industrial^{1/}

Bens de consumo

2002 = 100

Duráveis



Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

O Índice Nacional de Confiança (INC), elaborado pela Ipsos Public Affairs para a ACSP, aumentou 1,4% em fevereiro, em relação ao mês anterior (estabilidade em janeiro e recuo de 2,7% em dezembro). Ocorreram elevações no Nordeste, 6,6%, e no Sul, 0,6%; estabilidade no Sudeste; e retração de 0,7% no Norte/Centro-Oeste. O INC recuou 4,6% em relação a fevereiro de 2013.

1.2 Produção

Produção industrial

A produção industrial recuou 1,6% no trimestre finalizado em janeiro, em relação ao encerrado em outubro, quando se manteve estável, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE. A produção da indústria extrativa decresceu 2,2% e a da indústria de transformação, 1,5%, com destaque para os recuos da produção nas atividades equipamentos de instrumentação médico-hospitalar, ópticos e outros, 18,4%; veículos automotores, 13,1%; e fumo, 10,5%.

A análise por categorias de uso indicou recuos trimestrais nos segmentos de bens de capital (7,0%), bens de consumo duráveis (1,9%), de bens de consumo semi e não duráveis (0,8%) e de bens intermediários (0,7%).

O pessoal ocupado assalariado na indústria recuou 0,4% no trimestre finalizado em janeiro, em relação ao encerrado em outubro, segundo dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Emprego e Salário (Pimes) do IBGE. No mesmo período, a folha de pagamento real cresceu 2,5%.

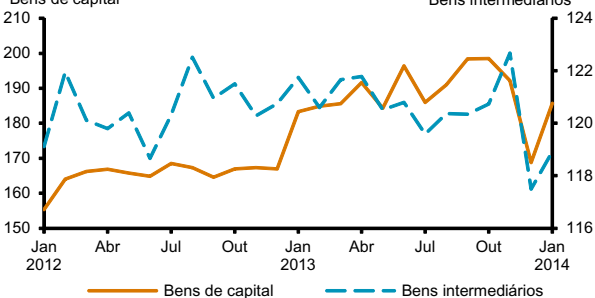
A Utilização da Capacidade Instalada (UCI) da indústria de transformação atingiu média de 84,5% no trimestre finalizado em fevereiro (84,2% no encerrado em novembro), de acordo com dados dessazonalizados da Sondagem da Indústria da FGV. O aumento trimestral refletiu variações da UCI nas indústrias de bens de consumo não duráveis (0,5 p.p.), de bens de consumo duráveis (0,4 p.p.), bens intermediários (0,1 p.p.) e bens de capital (-1,8 p.p.).

Gráfico 1.8 – Produção industrial^{1/}

Bens de capital e intermediários

2002 = 100

Bens de capital



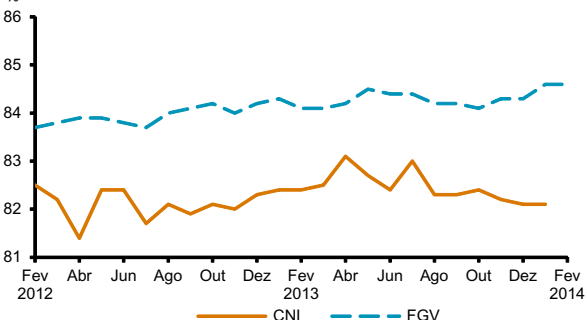
Fonte: IBGE

1/ Séries com ajuste sazonal.

Gráfico 1.9 – Utilização da capacidade instalada^{1/}

Indústria de transformação

%



Fontes: CNI e FGV

1/ Séries com ajuste sazonal.

O índice de estoques da indústria, calculado pela FGV, atingiu 105,9 pontos³ no trimestre encerrado em fevereiro, dados dessazonalizados. O recuo de 1,1 ponto em relação ao trimestre encerrado em novembro de 2013 decorreu de variações nos índices de estoques de bens de consumo duráveis (3,4 pontos), bens de consumo não duráveis (0,5 ponto), bens intermediários (-1,0 ponto) e bens de capital (-1,6 ponto).

O Índice de Confiança da Indústria⁴ (ICI), após atingir 99,9 pontos em dezembro de 2013, recuou para 98,5 pontos em fevereiro, dados dessazonalizados da FGV. O ICI apresentou média de 99,3 pontos no trimestre encerrado em fevereiro (98,5 pontos no finalizado em novembro), ressaltando-se que o aumento no período resultou de variações dos ICI relativos às indústrias de bens intermediários (1,8 ponto), bens de consumo duráveis (-1,2 ponto), bens de consumo não duráveis (-1,1 ponto) e de bens de capital (-0,8 ponto).

O Índice Gerente de Compras⁵ (PMI) da indústria atingiu 50,4 pontos em fevereiro (50,8 pontos em janeiro), considerada a série dessazonalizada pela Markit, sinalizando expansão da atividade industrial no mês.

Serviços

A receita nominal do setor de serviços cresceu 9,3% em janeiro de 2014, em relação a igual mês de 2013 (8,3% em dezembro de 2013), segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), divulgada pelo IBGE. Destacaram-se as expansões da receita nos segmentos serviços prestados a famílias (12,1%) e serviços profissionais e administrativos (9,0%). O indicador geral aumentou 8,5% em 2013, em relação ao ano anterior, com destaques para os segmentos de transportes e serviços auxiliares aos transportes e correios, 10,8%; e serviços prestados a famílias, 10,2%.

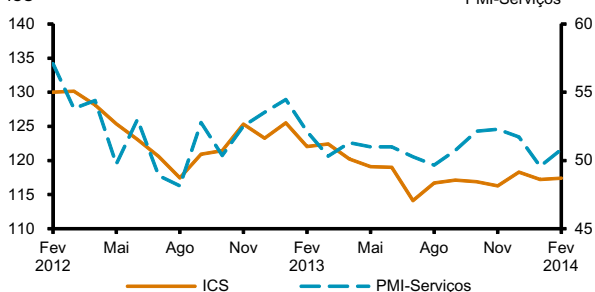
O Índice de Confiança de Serviços (ICS) atingiu 117,4 pontos em fevereiro (média histórica de 124,0 pontos), dados dessazonalizados da FGV. A elevação mensal de 0,2% refletiu variações de 1,5% no Índice de Situação Atual (ISA-S) e -0,7% no Índice de Expectativas (IE-S).

O Índice Gerente de Compras (PMI-Serviços) referente à atividade de negócios atingiu 50,8 pontos em fevereiro (49,6

Gráfico 1.10 – Indicadores de confiança no setor de serviços

ICS e PMI-Serviços – Dados dessazonalizados

ICS



Fontes: FGV e Markit

3/ Complemento de 200 pontos do índice original divulgado pela FGV. Valores acima de 100 pontos indicam estoques acima do planejado.

4/ Valores acima de 100 pontos indicam sentimento de otimismo.

5/ O PMI sintetiza a evolução mensal dos indicadores de novos pedidos, produção, emprego, prazo de entrega e estoque de insumos. Valores superiores a 50 representam expansão mensal da atividade.

Gráfico 1.11 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central

Dados dessazonalizados

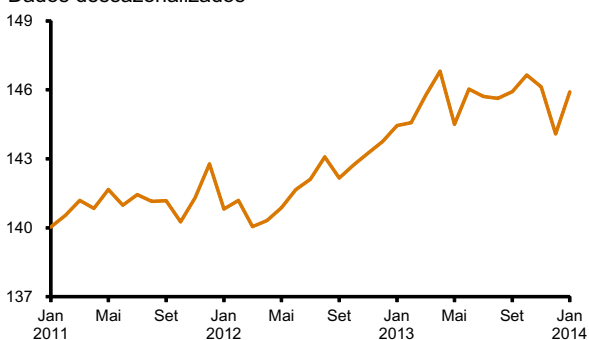
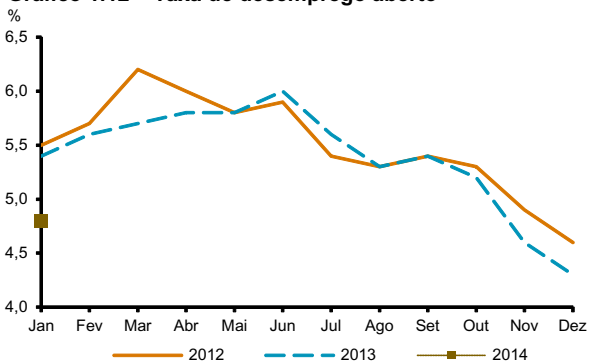


Gráfico 1.12 – Taxa de desemprego aberto



Fonte: IBGE

Tabela 1.3 – Evolução do emprego formal

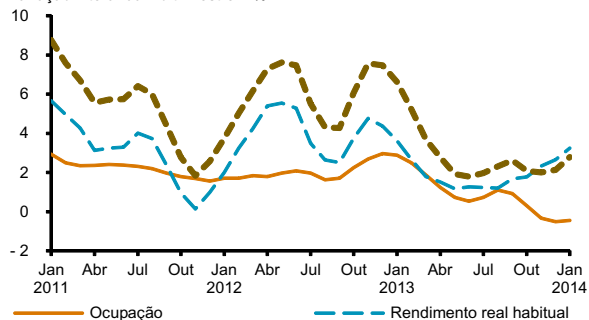
Discriminação	Novos postos de trabalho (em mil)			
	2013		2014	
	1º sem	2º sem	No ano	Fev
Total	657,6	73,1	730,7	260,8
Indústria de transformação	166,9	-83,3	83,6	52,0
Comércio	-49,7	257,7	208,0	19,3
Serviços	298,6	110,4	408,9	143,3
Construção civil	101,9	-66,8	35,1	25,1
Agropecuária	102,8	-132,1	-29,3	6,1
Serviços ind. de util. pública	6,7	-1,3	5,4	1,6
Outros ^{1/}	30,4	-11,4	19,0	13,4

Fonte: MTE

1/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 1.13 – Ocupação, rendimento e massa

Variação interanual no trimestre – %



Fonte: IBGE

pontos em janeiro e 52,2 pontos em fevereiro de 2013) e retornou à área de elevação da atividade.

Índice de atividade do Banco Central

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) recuou 0,5% no trimestre encerrado em janeiro, em relação ao finalizado em outubro, quando havia crescido 0,4%, nesse tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados. Consideradas variações interanuais, o indicador cresceu 0,9% em janeiro, 0,7% em dezembro e 1,3% em novembro.

1.3 Mercado de trabalho

A taxa de desemprego, consideradas as seis regiões metropolitanas abrangidas pela Pesquisa Mensal do Emprego (PME) do IBGE, situou-se em 4,6% no trimestre encerrado em janeiro (5,0% em igual período de 2013), menor percentual registrado para o período desde o início da série em 2002. Considerando dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 5,0% no trimestre terminado em janeiro, ressaltando-se que o recuo de 0,3 p.p. em relação ao trimestre encerrado em outubro de 2013 refletiu a diminuição de 0,3% da população economicamente ativa e a estabilidade da população ocupada.

Em relação ao emprego formal, foram eliminados 159 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em fevereiro (344,6 mil em igual período de 2013), dos quais 73,9 mil na indústria de transformação, 62,2 mil na agropecuária e 61,9 mil no comércio, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

O rendimento médio real habitualmente recebido do trabalho principal cresceu 3,2% no trimestre encerrado em janeiro, em relação a igual período de 2013 (1,8% no trimestre encerrado em outubro de 2013), segundo a PME. Destacaram-se os ganhos reais nos segmentos serviços domésticos, 8,3%; indústria, 5,4%; e outros serviços, 4,5%. A massa salarial real, produto do rendimento médio habitual pelo número de ocupados, cresceu 2,8% no trimestre.

1.4 Produto Interno Bruto

Tabela 1.4 – Produto Interno Bruto

Acumulado no ano

Discriminação	Variação %				
	2012 IV Tri	2013 I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri
Agropecuária	-2,1	13,2	12,3	8,1	7,0
Indústria	-0,8	-1,2	0,8	1,2	1,3
Extrativa mineral	-1,1	-7,2	-5,6	-3,5	-2,8
Transformação	-2,4	-0,2	2,3	2,1	1,9
Construção civil	1,4	-1,3	1,4	1,7	1,9
Produção e distribuição de eletricidade, gás e água	3,5	2,6	2,3	2,8	2,9
Serviços	1,9	1,7	2,1	2,1	2,0
Comércio	0,9	1,4	2,4	2,4	2,5
Transporte, armazenagem e correio	1,9	1,1	2,3	3,2	2,9
Serviços de informação	4,2	3,3	4,3	4,4	5,3
Intermediação financeira, seguros, previdência com- plementar e serviços relacionados	0,7	1,2	1,5	1,9	1,7
Outros serviços	2,2	1,4	1,6	1,1	0,6
Atividades imobiliárias e aluguel	2,2	2,4	2,8	2,5	2,3
Administração, saúde e educação públicas	2,3	2,1	1,8	2,0	2,1
Valor adic. a preços básicos	0,9	1,6	2,4	2,2	2,1
Impostos sobre produtos	1,6	2,5	3,4	3,4	3,3
PIB a preços de mercado	1,0	1,8	2,5	2,4	2,3
Consumo das famílias	3,2	2,3	2,4	2,4	2,3
Consumo do governo	3,3	2,4	1,6	1,8	1,9
Formação Bruta de Capital Fixo	-4,0	3,2	6,2	6,5	6,3
Exportação	0,5	-5,7	0,5	1,4	2,5
Importação	0,2	7,5	7,6	9,6	8,4

Fonte: IBGE

Tabela 1.5 – Produto Interno Bruto

Trimestre ante trimestre imediatamente anterior

Dados dessazonalizados

Discriminação	Variação %				
	2012 IV Tri	2013 I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri
PIB a preços de mercado	0,9	0,0	1,8	-0,5	0,7
Agropecuária	-3,7	3,9	3,2	-3,8	0,0
Indústria	0,2	-0,4	2,0	0,1	-0,2
Serviços	0,8	0,2	0,8	0,2	0,7
Consumo das famílias	1,1	-0,1	0,3	1,0	0,7
Consumo do governo	1,1	-0,4	0,7	0,9	0,8
Formação Bruta de Capital Fixo	1,8	3,9	3,6	-2,0	0,3
Exportação	2,6	-3,8	6,3	-1,2	4,1
Importação	8,5	5,2	0,4	-0,5	-0,1

Fonte: IBGE

O PIB cresceu 1,9% no quarto trimestre de 2013, em relação a igual intervalo de 2012, segundo as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE, acumulando expansão anual de 2,3%. Na margem, a economia do país cresceu 0,7% em relação ao terceiro trimestre do ano, de acordo com dados dessazonalizados.

O desempenho anual do PIB foi sustentado, em especial, pelo crescimento de 7,0% na agropecuária, com destaque para as lavouras de soja, cana-de-açúcar, milho e trigo, e para os abates de bovinos e aves. A produção da indústria cresceu 1,3% no ano (produção e distribuição de eletricidade e água, 2,9%; transformação e construção civil, 1,9%), e a do setor de serviços, 2,0% (serviços de informação, 5,3%; transporte, 2,9%; e comércio, 2,5%). No âmbito da demanda agregada, a contribuição do componente doméstico atingiu 3,2 p.p., reflexo, em especial, de elevações da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) (6,3%) e do consumo das famílias (2,3%), enquanto a do setor externo totalizou -0,9 p.p., resultado de aumentos de 2,5% nas exportações e de 8,4% nas importações.

Na margem, o desempenho do PIB no quarto trimestre de 2013 refletiu, sob a ótica da produção, estabilidade na agropecuária, recuo de 0,2% na indústria e crescimento de 0,7% no setor de serviços. No âmbito da demanda, os consumos do governo e das famílias cresceram 0,8% e 0,7%, respectivamente, a FBCF aumentou 0,3%, enquanto exportações e importações variaram, na ordem, 4,1% e -0,1%.

1.5 Investimentos

Os investimentos, excluídas variações de estoques, aumentaram 5,5% no quarto trimestre de 2013, em relação a igual período de 2012, de acordo com as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE. Considerados dados dessazonalizados, os investimentos cresceram 0,3% em relação ao terceiro trimestre de 2013. Por sua vez, a expansão anual atingiu 6,3% (recuo de 4% em 2012).

A produção de insumos típicos da construção civil, favorecida pela expansão do investimento residencial, cresceu 2,2% em 2013. A absorção de bens de capital aumentou 12,2% no ano, resultado de variações respectivas de 13,3%, -11,3% e 2,8% na produção, exportação e importação desses bens.

Projeção para o PIB de 2014

Tabela 1 – Produto Interno Bruto
Acumulado em 4 trimestres

Discriminação	Variação %	
	2013	2014
	IV Tri	IV Tr ^{1/}
Agropecuária	7,0	3,5
Indústria	1,3	1,5
Extrativa mineral	-2,8	4,0
Transformação	1,9	0,5
Construção civil	1,9	1,1
Produção e dist. de eletricidade, gás e água	2,9	3,7
Serviços	2,0	2,2
Comércio	2,5	1,7
Transporte, armazenagem e correio	2,9	1,6
Serviços de informação	5,3	5,0
Interm. financeira e serviços relacionados	1,7	2,1
Outros serviços	0,6	2,0
Atividades imobiliárias e aluguel	2,3	2,5
Administração, saúde e educação públicas	2,1	2,3
Valor adicionado a preços básicos	2,1	2,1
Impostos sobre produtos	3,3	1,8
PIB a preços de mercado	2,3	2,0
Consumo das famílias	2,3	2,0
Consumo do governo	1,9	2,1
Formação Bruta de Capital Fixo	6,3	1,0
Exportação	2,5	1,3
Importação	8,4	0,9

Fonte: IBGE

1/ Estimativa.

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) para 2014 está projetado em 2,0%, ante 2,3% em 2013 (Tabela 1), em linha com indicadores coincidentes e antecedentes da atividade doméstica.

Estima-se expansão de 3,5% da produção agropecuária (7,0% observados em 2013). A propósito, cabe destacar os aumentos projetados, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para as safras de arroz, 6,3%; soja, 8,3%; algodão, 11,9%; e feijão, 27,1%.

A projeção de crescimento para a produção da indústria em 2014 é de 1,5% (1,3% registrado em 2013). Nesse contexto, destaca-se a reversão, de -2,8% para 4,0%, para o desempenho da indústria extrativa mineral, e o crescimento de 0,5% da indústria de transformação. Para as atividades construção e produção e distribuição de eletricidade, gás e água, estimam-se crescimentos respectivos de 1,1% e 3,7%, no período.

O crescimento do setor terciário em 2014 está projetado em 2,2% (2,0% medidos em 2013), destacando-se as perspectivas de expansão da atividade no segmento de serviços de informação, 5%, e no de serviços imobiliários e aluguel, 2,5%.

No âmbito da demanda agregada, projeta-se crescimento de 2,0% para o consumo das famílias (2,3% registrados em 2013), amparado no cenário de manutenção das baixas taxas de desemprego e de ganhos reais de salários moderados. De acordo com as estimativas, o consumo do governo deverá aumentar 2,1% e a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), 1,0% (1,9% e 6,3%, respectivamente, observados em 2013). Cabe notar que a perspectiva de desaceleração na FBCF em 2014 reflete, em parte, o carregamento estatístico do último trimestre de 2013.

Segundo as projeções, exportações e importações de bens e serviços devem crescer 1,3% e 0,9%, respectivamente, em 2014, ante elevações de 2,5%

e 8,4%, respectivamente, observadas em 2013. As exportações devem se beneficiar do cenário de maior crescimento global e da depreciação do real, a qual também deve contribuir para o arrefecimento das importações.

Nesse cenário, o aumento anual de 2,0% do PIB em 2014 estará condicionado à contribuição de 2,0 p.p. da demanda interna e ao impacto nulo, portanto, do setor externo.

Tabela 1.6 – Produção industrial

Discriminação	Trimestre ante mesmo trimestre do ano anterior (%)			
	2013		2014	
	Out	Nov	Dez	Jan
Insumos da construção civil	2,9	4,2	2,4	0,3
Bens de capital	17,5	17,2	10,4	4,9
Tipicamente industrializados	11,3	9,2	7,6	5,0
Agrícolas	25,5	23,4	15,1	11,0
Peças agrícolas	21,3	13,4	10,8	0,4
Construção	58,6	63,0	81,3	89,9
Energia elétrica	3,7	3,9	3,1	2,1
Equipamentos de transporte	15,8	15,4	5,7	-0,5
Misto	8,1	8,6	3,0	-1,2

Fonte: IBGE

Os desembolsos do sistema BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Agência Especial de Financiamento Industrial (Finame) e BNDES Participações S.A. (BNDESpa) – aumentaram 22,1% no ano e totalizaram R\$190,4 bilhões em 2013. Por atividade, a maior expansão (122,2%) ocorreu na indústria extrativa e a menor (17,3%), no setor comércio e serviços, segmentos que detiveram, na ordem, 2,1% e 59,7% dos desembolsos totais. Os recursos direcionados aos segmentos agropecuária e indústria de transformação aumentaram 64,2% e 17,7%, respectivamente, e representaram, na ordem, 9,8% e 28,3% dos desembolsos anuais.

1.6 Conclusão

Nos próximos trimestres a atividade econômica tende a ser favorecida pela continuidade da expansão do consumo das famílias, amparado no crescimento da renda e no aumento moderado do crédito. Além disso, cabe notar que o programa de concessão de serviços públicos e a ampliação das áreas de exploração de petróleo criam boas perspectivas para os investimentos, e que o crescimento da atividade global deve repercutir positivamente sobre as vendas externas.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou, em janeiro de 2014, os primeiros resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Essa pesquisa, de periodicidade trimestral, substituirá a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) e a PNAD anual a partir de 2015.

A PNADC incorpora recentes recomendações metodológicas e conceituais, feitas por organismos multilaterais, sobre o tema trabalho. Cabe notar, ainda, que a PNADC permitirá um acompanhamento com abrangência nacional do mercado de trabalho. Este box apresenta as características básicas dessa nova pesquisa e analisa os principais resultados já conhecidos.

A nova pesquisa – que abrange 211 mil domicílios em cerca de 3.500 municípios em todo o país¹ – contemplará resultados para o país, regiões geográficas, unidades da Federação e regiões metropolitanas².

Em termos conceituais, foram seguidas recomendações da resolução sobre estatísticas de trabalho, ocupação e subutilização da mão-de-obra, editada por ocasião da 19ª Conferência Internacional de Estatísticos do Trabalho em outubro de 2013³. Nesse sentido, os conceitos População Economicamente Ativa (PEA) e População em Idade Ativa (PIA), que incluíam pessoas com 10 ou mais anos de idade, foram substituídos por força de trabalho⁴

-
- 1/ A PME restringe-se a 145 municípios das regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo; a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2012 incluiu cerca de 150 mil domicílios distribuídos por 1.100 municípios em todo o território nacional.
 - 2/ Serão 20 as regiões metropolitanas abrangidas: Manaus, Belém, Macapá, São Luís, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió, Aracaju, Salvador, Belo Horizonte, Vitória, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre, Vale do Rio Cuiabá e Goiânia; além da Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina.
 - 3/ A Conferência Internacional de Estatísticos do Trabalho, organizada pela Organização Internacional do Trabalho, reúne-se a cada cinco anos e inclui especialistas de governos e de organizações patronais e de empregados.
 - 4/ O conceito força de trabalho consiste na soma de pessoas ocupadas e pessoas desocupadas. Pessoas ocupadas são aquelas que, na semana de referência, trabalharam pelo menos uma hora completa em trabalho remunerado em dinheiro, produtos, ou benefícios ou em trabalho sem remuneração direta, em ajuda à atividade econômica de membro do domicílio ou, ainda, as pessoas que tinham trabalho remunerado do qual estavam temporariamente afastadas. São consideradas desocupadas: 1) as pessoas sem trabalho nessa semana, que tomaram alguma providência efetiva para consegui-lo no período de referência de 30 dias e que estavam disponíveis para assumi-lo na semana de referência; 2) as pessoas sem trabalho na semana que não tomaram providência efetiva para consegui-lo no período de referência de 30 dias porque já haviam conseguido trabalho que iriam começar após a semana de referência.

e pessoas em idade de trabalhar, respectivamente, que consideram pessoas com 14 ou mais anos de idade.

O IBGE divulgou, inicialmente, resultados para os quatro trimestres de 2012 e os dois primeiros de 2013 para alguns indicadores, com desagregação por grandes regiões, sexo, grupos de idade e nível de instrução⁵.

De acordo com a PNADC, no segundo trimestre de 2013, havia 159,1 milhões de pessoas em idade de trabalhar, 97,8 milhões de pessoas na força de trabalho e 90,6 milhões de pessoas ocupadas, com crescimentos interanuais respectivos de 1,4%, 1,0% e 1,1%.

A taxa de desemprego nacional atingiu 7,4% no período (7,5% no segundo trimestre de 2012), com a maior taxa no Nordeste, 10,0%, e a menor, no Sul, 4,3% (Gráfico 1).

A análise da taxa de desemprego por faixa etária revela que a taxa de desocupação mais elevada, no segundo trimestre de 2013, ocorria na faixa de 14 a 17 anos (22,8%), e a menor, na faixa superior a 60 anos (1,8%), conforme o Gráfico 2. Considerados níveis de instrução, a taxa de desemprego atingia 4,0% na categoria de trabalhadores com ensino superior e 12,7% naquela de trabalhadores com ensino médio incompleto ou equivalente.

A taxa de atividade também indicava diferenças acentuadas entre as regiões brasileiras, com médias, no segundo trimestre de 2013, de 61,5% no país, 65,2% no Centro-Oeste (a maior) e 56,1% no Nordeste (a menor).

Em síntese, este boxe apresentou aspectos importantes da nova PNADC que, a partir de 2015, será a principal pesquisa conjuntural sobre o mercado de trabalho brasileiro. No que se refere às informações já divulgadas, a PNADC aponta taxas de desemprego mais elevadas no Nordeste e menores no Sul.

Gráfico 1 – Taxa de desemprego, 2º trimestre de 2013

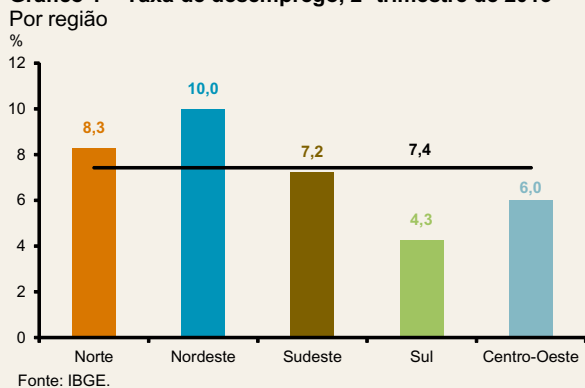


Gráfico 2 – Taxa de desemprego, 2º trimestre de 2013

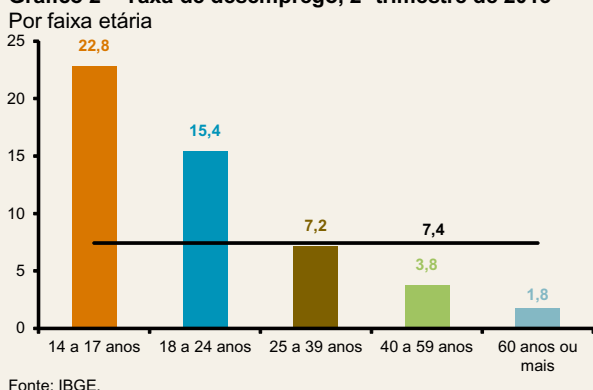
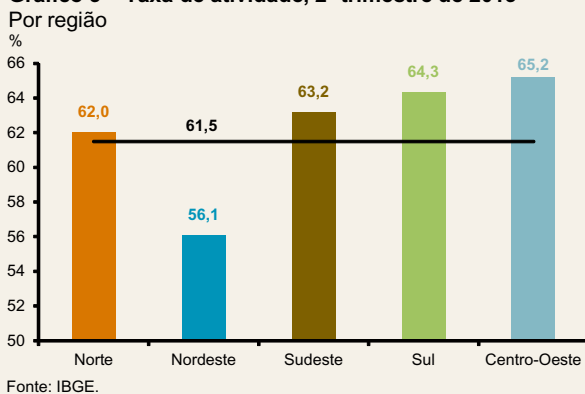


Gráfico 3 – Taxa de atividade, 2º trimestre de 2013



5/ Foi publicado, ainda, um calendário de divulgação, segundo o qual, em janeiro de 2015, estarão disponíveis dados para o terceiro trimestre de 2013, com recortes pelos demais níveis geográficos, e os microdados da pesquisa. A partir de janeiro de 2015, haverá defasagem aproximada de um mês entre o término do trimestre de referência e a data de divulgação dos resultados.